

# LEVE DURA

NÚMERO  
#2

[levedura.blog](http://levedura.blog)

tópico do mês:  
CIRURGIA PLÁSTICA



# CIÊNCIA, TECNOLOGIA E CIRURGIA PLÁSTICA

Levedura é uma revista mensal onde especialistas e acadêmicos discutem ciência e tecnologia. Cada edição tem um tema principal conectando todos os textos. Você encontrará aqui reflexões pessoais bem pesquisadas sobre tópicos que fazem girar as engrenagens na cabeça de nossas colaboradoras, mesmo quando escrevem sobre tópicos diferentes de sua pesquisa principal ou campo de trabalho. Se você tiver uma sugestão para uma edição ou artigo, entre em contato conosco pelo e-mail [levedura.blog@gmail.com](mailto:levedura.blog@gmail.com)

Os artigos que você encontrará nesta revista podem ser uma versão original ou uma tradução direta de textos publicados em português do Brasil em nosso site [levedura.blog](http://levedura.blog).

Clique para ouvir nossa playlist com músicas relacionadas ao temas deste mês.

## NESTA EDIÇÃO VOCÊ ENCONTRARÁ

**O Bumbum Brasileiro:  
Cirurgias Plásticas e Raça**  
por Camila Silveira Cavalheiro  
/ Cientista Social  
Páginas 3-5

**Rosto, Ciência e Bisturi**  
por Marcelle Schmitt /  
Antropóloga Social  
Páginas 6-9

**Donda e A Lei Dos Mortos**  
por Larissa Costa Duarte /  
Antropóloga Social  
Páginas 10-12

# O BUMBUM BRASILEIRO: CIRURGIAS PLÁSTICAS E RAÇA

por Camila Silveira Cavalheiro

Em fevereiro de 2021, o jornal britânico **The Guardian** publicou uma reportagem sobre o brazilian butt lift (BBL) ou lifting de bumbum brasileiro. No Brasil, esse procedimento é conhecido como **lipoescultura**, onde a gordura da própria paciente é utilizada para remodelar os contornos corporais. A gordura retirada do abdômen, por exemplo, é injetada em outras áreas, como quadril e nádegas, criando novas curvas.

Segundo os dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), apresentados na reportagem, esta cirurgia cresceu 77,6% em todo o mundo, desde 2015. Em 2019, foram 54 894 cirurgias realizadas, das quais 18 370 (33%) executadas nos Estados Unidos, Brasil e México. A reportagem também aponta a presença marcante de figuras como Kim Kardashian, Jennifer Lopez e Nicki Minaj nas mídias, referências quando o assunto é bumbum ideal.



"O DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS CIRÚRGICAS E A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS, ASSIM COMO TODO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO, NÃO SE DÁ NO VÁCUO, ESTAMOS IMERSAS EM RELAÇÕES SOCIAIS QUE TANGENCIAM OS POSSÍVEIS ENTENDIMENTOS DO MUNDO."

No imaginário popular, em especial no norte global, as mulheres brasileiras são associadas a quadris largos e bumbuns grandes. Imagens de festas populares, como o Carnaval, e de nossas praias, recheadas de corpos voluptuosos e biquínis minúsculos, ilustram a fantasia do 'bumbum brasileiro'. **Idealiza-se** o corpo da "mulata", conforme descrito pelo antropólogo Álvaro Jarrín, que realizou uma pesquisa etnográfica sobre cirurgia plástica no Brasil.

O Brasil é um centro de pesquisa e desenvolvimento na área da cirurgia plástica e forma centenas de profissionais, nas mais diversas especialidades. Isso se deve a um contexto muito específico de acesso, que atua como uma via de mão dupla entre pacientes e profissionais. O desenvolvimento de novas técnicas e intervenções, por exemplo, está diretamente associado à possibilidade de praticar nos corpos de mulheres negras e de classes mais baixas.

# O BUMBUM BRASILEIRO: CIRURGIAS PLÁSTICAS E RAÇA

por Camila Silveira Cavalheiro

Diversas cirurgias plásticas são ofertadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), quando entendidas como cirurgias de cunho reparador, ou seja, que visam restaurar ou reparar alguma alteração, anomalia ou disfunção. Já o setor privado oferta formas de pagamento que facilitam o acesso, como a cirurgia programada e o 'carnê', situações nas quais a paciente paga determinada quantia por mês, até que os custos sejam cobertos. Ou seja, procedimentos estéticos em geral, sejam eles cirúrgicos ou não, não são exclusivos para as classes média e alta. Situação única que se difere do resto do mundo.

Um olhar mais atento a diversas intervenções estéticas nos permite enxergar o entrelaçamento das cirurgias plásticas com políticas eugenistas. A história da cirurgia plástica é marcada por essa relação, mesmo que façamos um esforço recorrente para apagar o seu caráter racial. Nesse contexto, o trabalho de Sander Gilman é exemplar. O autor afirma que a história da cirurgia plástica não está associada somente a um processo de normalização ou embelezamento, é também marcada por questões raciais. Dentre os mais de vinte procedimentos abordados por ele, podemos citar a mamoplastia redutora, realizada em larga escala no final do século XX no Brasil. Seios grandes estariam associados às mulheres negras, de forma que as famílias de classe média presenteavam as suas filhas com a operação, afastando-as de uma estética racializada. Podemos citar outras cirurgias que visam o mesmo objetivo, como a rinoplastia, quando esta visa corrigir o nariz 'negroide', nomenclatura adotada por médicos eugenistas que ainda está em uso.

Na literatura antropológica e feminista, existem diversos procedimentos associados a um caráter 'étnico', amplamente criticados por apagar marcas identitárias, através de um processo de internalização do racismo. Uma destas intervenções é a blefaroplastia, também conhecida como cirurgia de ocidentalização dos olhos. A filósofa Cressida Heyes retoma as críticas feministas à cirurgia, e questiona: por que somente os corpos não-brancos ou etnicamente marcados são lidos como engajados em projetos de conformação corporal? A autora afirma que todos os processos de modificação corporal estão implicados por normas estéticas, que possuem recortes de classe, raça, gênero, idade, capacidade, etc. E as pessoas brancas participam ativamente desses tensionamentos.

Pensemos a partir de outro procedimento realizado nos olhos, conhecido como foxy eyes, ou olhos de raposa, que visa esticar o canto externo dos olhos, deixando o olhar supostamente mais sensual. A influenciadora e atriz Flávia Palavalli, que conta com mais de 18 milhões de seguidores no Instagram, realizou a operação em 2020. Nas redes sociais, questionou-se: por que mulheres orientais são criticadas por 'ocidentalizar' o olhar, mas as mulheres ocidentais se tornam empoderadas por buscar alterações que deixam seus olhos 'sensuais'?

## O BUMBUM BRASILEIRO: CIRURGIAS PLÁSTICAS E RAÇA

por Camila Silveira Cavalheiro

Vamos relembrar a cena icônica de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, sediados no Brasil. Gisele Bündchen desfila em uma longa passarela, ao som de Garota de Ipanema. Seus cabelos loiros estão soltos e a modelo utiliza um vestido dourado com uma longa fenda lateral. A cena foi televisionada para todo o mundo e com frequência volta a ser mencionada nos trend topics do Twitter. Gisele foi a primeira supermodelo brasileira a ganhar as passarelas internacionais e, nos primeiros anos da década de 2000, foi a modelo mais bem paga do mundo. O padrão vendido por Gisele não corresponde ao ideal do bumbum brasileiro.



Todas as mulheres brasileiras possuem o mesmo biotipo? Evidente que não. Para as passarelas e comércio exterior, os corpos que se aproximam de um ideal ocidentalizado, do norte global, são ideais. Ao buscar modificações corporais associadas a marcas raciais ou étnicas, como quadris largos e bumbum grande, seios avantajados ou olhos mais alongados, as mulheres brancas buscam traços exóticos ou sensuais sem se tornarem socialmente marcadas pelos novos contornos, como Melissa, entrevistada para a reportagem do **The Guardian**. A britânica buscou o procedimento em 2018 para "preencher o jeans" e atrair a atenção de homens "negros e mestiços", que, de acordo com a jovem, "gostam de mulheres com mais curvas".

Como centenas de outras categorias, a beleza não possui uma só face. Dentro de um mesmo grupo, existem diversos padrões de beleza, atravessados por classe, raça, gênero, idade, capacidade, acesso, saúde. Estes padrões se alteram de acordo com o contexto social, econômico e político no qual estamos inseridas e ao longo do tempo. O desenvolvimento de técnicas cirúrgicas e a formação de profissionais, assim como todo o conhecimento científico, não se dá no vácuo, estamos imersas em relações sociais que tangenciam os possíveis entendimentos do mundo.

A idealização do bumbum brasileiro não remete somente à construção das curvas ideais e desejadas, vendida através de um procedimento cirúrgico cujo crescimento vêm se mostrando expressivo nos últimos anos. É preciso atentar para o quadro mais geral: o contexto de desenvolvimento das tecnologias e como elas são disseminadas, o público que têm acesso a estes serviços e, sobretudo, os aspectos políticos e sociais que fundamentam a possibilidade de existência de determinadas transformações corporais.

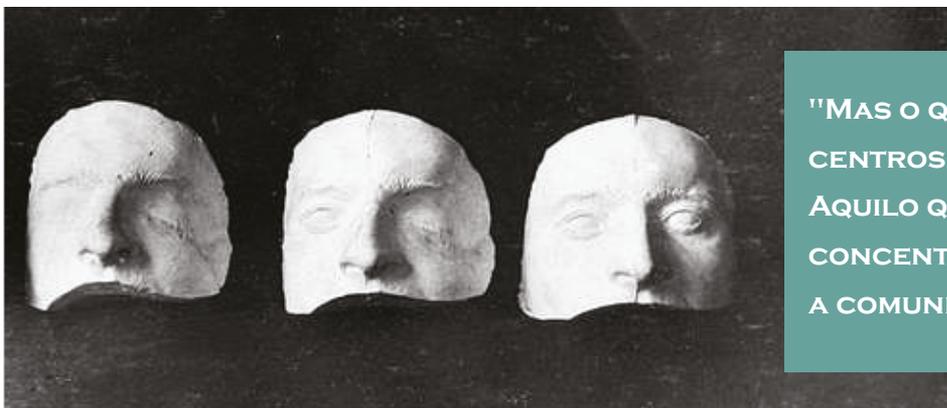
## ROSTO, CIÊNCIA E BISTURI

por Marcelle Schmitt

O parto ocorreu bem, mas o bebê não foi levado até a mãe como o esperado. O pai, assustado, foi ao encontro dos médicos para saber o que havia acontecido, mas ninguém lhe dava informações. Depois de muita insistência, que resultou em uma discussão acalorada com um dos seguranças do hospital, finalmente permitiram que tivesse acesso ao local onde estava o recém-nascido. Antes, porém, o obstetra anunciou: não sabemos exatamente o que fazer, o menino nasceu sem rosto.

A mãe e o pai descobriram, alguns dias depois, que a abertura que se estendia do lábio superior ao nariz de seu bebê, passando pelo céu da boca, era o que a medicina denomina de fissura labiopalatina, uma anomalia congênita que ocorre no período embrionário, até a 12ª semana de gestação. Thyago, hoje um advogado e interlocutor da pesquisa que estou desenvolvendo, tinha um rosto. Um rosto que, depois de mais de 10 cirurgias realizadas ao longo de duas décadas de tratamento, exibe uma pequena cicatriz. A história verídica, ocorrida em meados dos anos 80 em um hospital de São Paulo, se repete nos dias atuais. São muitos as(os) profissionais da medicina que, assim como a maioria dos leigos, não sabe como agir ao se depararem com faces que cruzam a fronteira do que consideramos normal.

Como no caso do médico que não soube nomear a condição do bebê, o vasto campo de informações textuais e imagéticas das quais dispomos parece não ser suficiente para falar da face – que aqui utilizo como sinônimo para o rosto. Ela nos escapa ao mesmo tempo em que nos constrange. Garland-Thomson, teórica dos estudos da deficiência, diz que o rosto é um problema epistemológico que apenas pode ser resolvido por meio de analogias. Daniel Black, pensador da área da comunicação, descreve o rosto como um fenômeno anatômico e perceptivo, a parte mais instável e ilusória do corpo humano. Aquilo que extrapola, a todo instante, os esforços de capturá-lo ou estabelecer uma visão generalizada de sua realidade. Reconhecer a face de alguém que prezamos ou nutrimos afeto, para Black, não diz respeito somente à combinação das formas; mas também aos sentimentos que ela nos comunica. E isso, certamente, está atado a nossos pressupostos e preconceitos.



**"MAS O QUE FAZ DO ROSTO UM DOS CENTROS DE ATENÇÃO DO CORPO? AQUILO QUE EM GRANDE MEDIDA CONCENTRA A IDENTIDADE PARA SI E A COMUNICAÇÃO COM O ENTORNO?"**

## ROSTO, CIÊNCIA E BISTURI

por Marcelle Schmitt

Mas o que faz do rosto um dos centros de atenção do corpo? Aquilo que em grande medida concentra a identidade para si e a comunicação com o entorno? Estes são questionamentos que me inquietam e sobre os quais não tenho a pretensão de oferecer respostas. Todavia, algo me ajuda a pensar a respeito deles de forma um pouco mais "organizada": a ideia de que a face **se espalha**. Um exemplo disso é que tomamos, muitas vezes, a face pelo indivíduo e o indivíduo pela face. O rosto parece emanar para o restante do corpo e para além dele. Seja por meio dos sentidos – visão, audição, tato e olfato –, seja por meio da fala e suas expressões, o rosto não termina em si mesmo.

Também poderíamos nos perguntar: o que é um rosto? Ora, são quatorze ossos individuais que juntos formam partes do sistema digestivo, respiratório, visual e olfativo. Um conjunto a partir do qual inferimos o gênero, a faixa etária, a etnia e a classe social. Contudo, se o rosto é uma das maiores expressões de nossa humanidade, como diz o antropólogo David Le Breton, e se ele, como uma tela, permite ao espectador captar aquilo que o corpo insiste em desnudar, ou seja, sentimentos e emoções os quais não conseguimos suprimir ou mascarar; ele é também alvo de massivas intervenções cujo objetivo é, preponderantemente, ajustar-lhe a forma – como as cirurgias plásticas.

Hoje, até mesmo a biologia afirma que o rosto é uma combinação de influências biomecânicas, fisiológicas e sociais. Na fase embrionária, a face começa a se desenvolver por volta do vigésimo quarto dia. Células pluripotentes especializadas, chamadas de células da crista neural craniana, são as principais responsáveis pelo esqueleto facial cujo desenvolvimento ocorre concomitantemente e de maneira interdependente à caixa craniana. Inclusive, é a partir daí que surgem as fissuras labiopalatinas, como as que o Thyago nasceu. Admito que talvez essas informações possam soar um pouco desconexas, mas trago elas aqui porque foram importantes para que eu pudesse, de forma um pouco mais coordenada, pensar sobre o rosto. Já já chegarei lá.

Enquanto estudava um pouco a respeito da embriologia da face, a fim de entender um pouco melhor o caso de Thyago e de outros(as) interlocutores (as) de pesquisa, deparei-me com o seguinte termo: processo facial. Enquanto leiga, deslumbrava-me com as imagens do que entendia serem o nariz, a boca, os olhos. Para a embriologia, no entanto, a nomenclatura correta era "processo de proeminência frontonasal", "processo de proeminência maxilar", etc. Certamente, em determinado ponto da gestação e principalmente após o nascimento, esses "processos" deixam de assim ser encarados e passam a ser nomeados pelas partes que usualmente conhecemos. Todavia, o que me chamou atenção foi que a face em si, mesmo em termos biológicos, não está "pronta". Seja porque ainda está em um estágio embrionário, seja porque ao nascermos não dispomos de dentes, ou porque a visão e o olfato ainda estão em desenvolvimento. E se voltarmos um olhar cuidadoso para o rosto – e isso se aplica ao restante

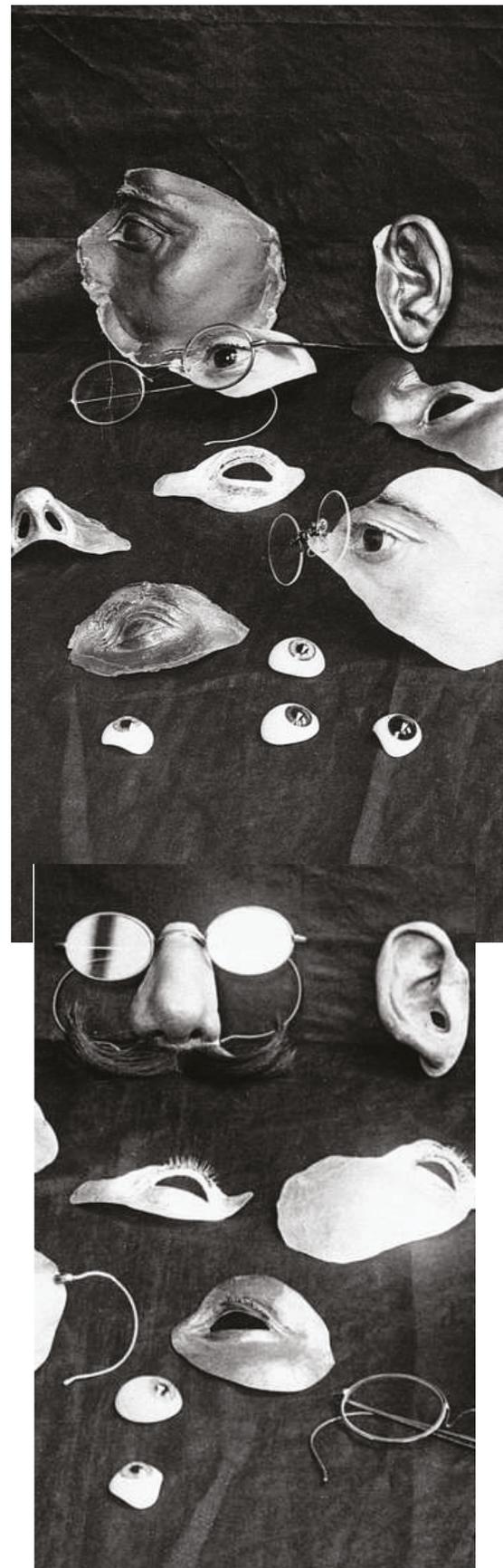
## ROSTO, CIÊNCIA E BISTURI

por Marcelle Schmitt

do corpo -, veremos que, nem mesmo depois da fase adulta ele está "finalizado". Ao longo da vida estes "processos faciais" são bastante evidentes, especialmente ao envelhecermos. Ainda assim, conferimos a face estatuto de uma coisa sólida e acabada, e ficamos aturdidos quando nos damos conta da pouca agência que temos em relação a estas mudanças. Para Gilman, historiador da ciência, intervir no corpo por meio de cirurgias e outras tecnologias estaria conectado a esse temor. Uma forma de assumirmos o controle não apenas do corpo físico, mas de tudo aquilo que ele representa. No caso da face, como mencionei anteriormente, do que somos enquanto indivíduos, nosso caráter e personalidade.

Seja por meio de tecnologias de embelezamento e reparação ou para acompanhar os processos fisiológicos concebidos como mais naturais, nossos rostos estão constantemente em um processo de feitura. E mesmo sendo fenômenos que sempre nos acompanharam, a face e a forma como a modificamos - ou como tentamos interromper suas transformações - ainda são pouco estudadas. É importante dizer que tecnologias como as cirurgias plásticas, apesar de serem encaradas como novidade, existem desde a Antiguidade. Foi só no século XVI e em decorrência da epidemia de sífilis, entretanto, que passaram a ser realizadas com maior recorrência. Naquele momento chamados de cirurgia decorativa, estes procedimentos visavam à reconstrução do nariz de pessoas acometidas por um estágio avançado da doença.

Já nos séculos XIX e XX, com a Guerra da Criméia (1853 -1856) e a Primeira (1914 - 1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), houve um grande incremento das técnicas cirúrgicas. Devido ao imenso número de vítimas com rostos e corpos mutilados e queimados, os métodos de reconstrução passaram a ser cada vez mais especializados. A cirurgia plástica começa então a se afastar do estigma que a associava apenas aos males decorrentes da sífilis e passa a representar uma área da medicina que trata daqueles que servem à nação, tornando-se, pouco a pouco, respeitável em termos de profissão.



## ROSTO, CIÊNCIA E BISTURI

por Marcelle Schmitt

No Brasil, segundo país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo, a figura de Renato Kehl teve grande destaque. O médico e eugenista (1889 – 1974), muito antes do renomado Ivo Pitanguy, destacou-se por atribuir à cirurgia plástica um papel que extrapolava a estética. Para Kehl, o regime, a hereditariedade e a cirurgia plástica eram elementos cruciais para a “cura da fealdade” do povo brasileiro. Sim, segundo o médico, a população brasileira era demasiadamente degenerada e os procedimentos corretivos de “malformações” eram aliados não apenas dos indivíduos, mas da nação como um todo, de modo que deveriam ser realizados não apenas em casos esparsos, mas de modo amplo e contínuo.

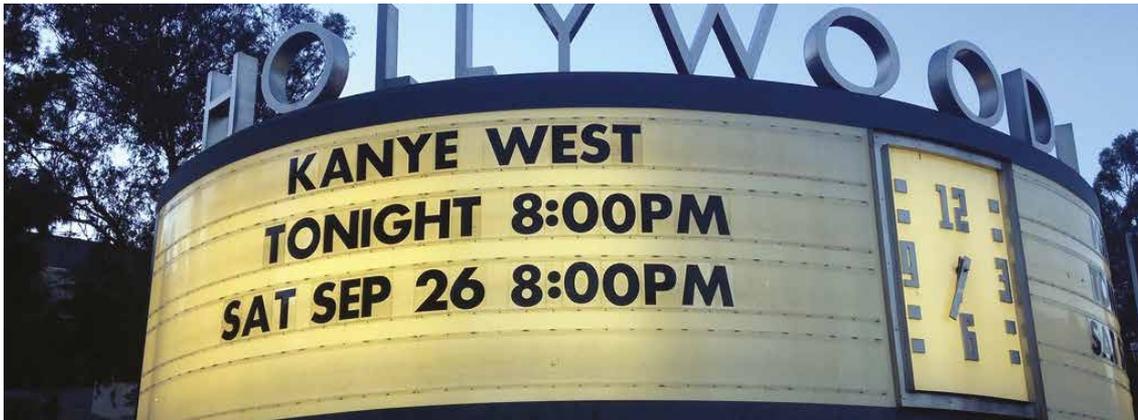
A relação entre as ciências que estudam e intervêm na face com a eugenia e o racismo é muito mais vasta, porém. A criminologia aliada à craniometria, que tem como principal representante o italiano Cesare Lombroso (1835 – 1909) e a fisiognomonia, empreendimento originário da Índia, sinalizado já em certas passagens bíblicas e, muito antes, em Pitágoras (570 a.C. – 490 a.C.), tomam as feições faciais como indícios da personalidade e do caráter. O exterior como uma revelação do interior. A ideia, aquela de que a face se espalha, novamente aqui nos ajuda a entender um pouco de como também a ciência muitas vezes concebeu a face como espelho límpido, e às vezes irrefutável, do indivíduo. O que é bastante problemático e perigoso. Chegou-se acreditar que operar a face de determinadas pessoas consideradas feias poderia ajudar na diminuição da criminalidade. Ou que o “nariz judeu” ou o “nariz negroide” seriam defeitos a serem reparados. Estas mesmas cirurgias, é importante salientar, possibilitam pessoas nascidas com fissuras labiopalatinas a falar, comer e respirar com maior qualidade e sentirem-se confortáveis com a estética da própria face.

Em uma conversa que tivemos em maio de 2020, André, um interlocutor de pesquisa que assim como Thyago nasceu com fendas labiopláticas, disse-me a seguinte frase: “Eles pegam essa cicatriz – apontando para a região entre o lábio superior e a base do nariz – e transportam para o seu corpo inteiro”. Ele se referia ao preconceito sofrido, ao tratamento que muitas vezes recebeu em entrevistas de emprego e no contexto acadêmico por ter uma marca no rosto e falar de maneira um pouco anasalada. Mais uma vez, o rosto e aquilo que ele traz sendo interpretado como uma representação total do indivíduo.

Padrões faciais de beleza e normalidade que se ancoram em pressupostos racistas, capacitistas e até mesmo eugenistas têm muitas vezes guiados nossos entendimentos sobre o que é uma face ou como ela deveria ser. Isso não quer dizer, contudo, que devemos desacreditar das ciências e dos médicos ou tratar todos os procedimentos de intervenção facial como tecnologias perversas. Nada disso. Contudo, assim como o rosto está num contínuo processo de feitura, o qual não se finda na maturação que presumimos acontecer na fase adulta, as disciplinas que tratam da face e a ciência de modo geral – como muitos antropólogos e filósofos da ciência têm insistido – devem periodicamente se questionar sobre as perguntas que as guiam, as ideias que as organizam. É preciso que deixem cada vez mais evidente sua natureza inacabada. Ou correm o risco de, através de conhecimentos mortos, contribuir para uma sociedade que não preza pela diversidade da vida.

## DONDA E A LEI DOS MORTOS

por Larissa Costa Duarte



Donda, Donda, Donda – o novo álbum homônimo de Kanye West foi lançado apenas algumas semanas atrás e começa com um belo e taciturno coro do nome de Donda West. Não é nenhum segredo que o rapper tem enfrentado graves problemas de saúde mental ao longo dos anos, então, para muitos fãs, foi ótimo ver o músico de volta aos holofotes por algo diferente de notícias tabloide. O álbum leva o nome da falecida mãe e gerente do rapper, uma professora universitária que parece ter entendido que a escola não é, e não deveria ser, o único lugar de aprendizado. Mesmo como educadora – ou talvez, exatamente porque era uma – Donda apoiou os esforços artísticos de seu filho desde que era um adolescente. Mas entre a celebração de sua mãe e seus ensinamentos, as canções em Donda também são lamentações por sua ausência. Donda West morreu em 2007, após complicações de uma cirurgia plástica.

Como já sabemos, este volume de **Levedura** é sobre cirurgia plástica. Este nunca é um tópico fácil de abordar, mas eu tinha certeza de que nossas autoras convidadas trariam visões refinadas para um tema espinhoso. E foi o que fizeram. De intervenções destinadas a atingir padrões de beleza impossíveis à cirurgia reconstrutiva em recém-nascidos, vimos nesta edição que as cirurgias plásticas são frequentemente realizadas em contextos diametralmente opostos. Mas uma coisa que parece ser comum em ambas as extremidades dessa régua é que em nenhum caso a cirurgia plástica parece ser vista como “cirurgia de verdade”.

A cirurgia plástica, como a maioria das coisas no mundo, não é um conceito, ideia ou procedimento novo. Há registros de cirurgias reconstrutivas realizadas na Índia e no Egito em 800 a.C. e até mesmo antes: pedaços de pele sendo removidos e reimplantados, narizes sendo reconstruídos, lábios fraturados sendo suturados com pontos. De fato, a palavra “plástico” parece vir da palavra grega *plastike*, que se refere à arte de esculpir e modelar, o que me leva a acreditar que procedimentos semelhantes devem ter sido igualmente comuns em outras partes do mundo, inclusive na Antiguidade. Afinal, modificar nossos corpos permanentemente ou momentaneamente é um dos poucos traços humanos transculturais de que temos conhecimento.

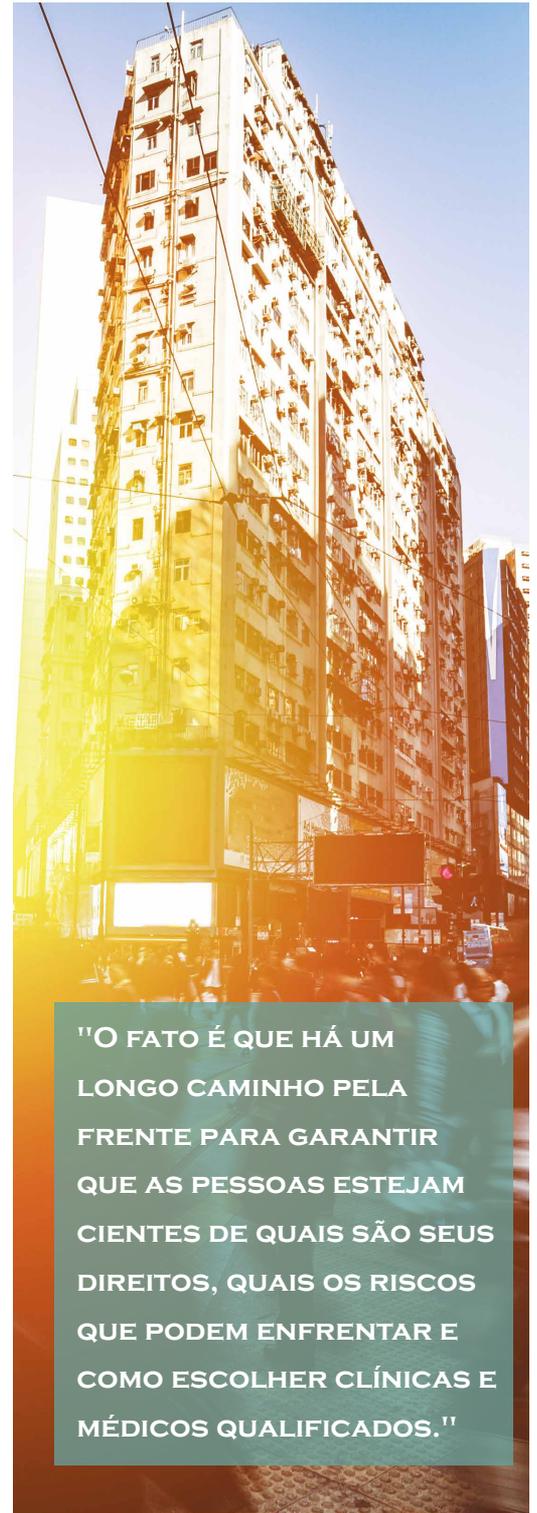
## DONDA E A LEI DOS MORTOS

por Larissa Costa Duarte

No centro de Porto Alegre, caminhei pelas mesmas duas ou três ruas todos os dias por cerca de 8 anos. E uma das muitas coisas que vi todos os dias naquela época foram as clínicas tentando vender cirurgias estéticas, como implantes de seios, remoção de gordura e procedimentos de renovação vaginal. Para ser sincera, essa descrição provavelmente se encaixa em qualquer outra grande cidade brasileira. Essas clínicas de estética estão simplesmente... ali. Entre drogarias, mercearias, bares, restaurantes, cabeleireiros, produtos Nike – originais e falsos.

Mas agora, enquanto paro e reflito sobre isso, acho estranho pensar sobre o quão comum essas clínicas se tornaram. Bem, eu acho que não é como se eles estivessem oferecendo e realizando cirurgias cardíacas... certo? Não é uma cirurgia de verdade... apesar das lâminas de verdade, da anestesia de verdade e do sangue de verdade. Sem falar nas mortes muito reais e irreversíveis que acontecem todos os anos em decorrência de imperícia cirúrgica e negligência.

No Brasil, e pelo que sei em todos os Estados Unidos, sequer existem regras claras sobre quais exames pré-operatórios um médico deve obrigatoriamente pedir antes de realizar um procedimento cosmético cirúrgico. Diretrizes existem, mas não são compulsórias. Os cirurgiões são livres para escolher quais aspectos da saúde do paciente e quão longe em seu histórico médico desejam ir antes de dar a você o sinal verde para encarar o bisturi. No caso de Donda West – e no caso de muitas outras pessoas – um exame de saúde extenso e detalhado provavelmente a teria considerado inadequada para cirurgia plástica devido a problemas de saúde pré-existentes. Descobrir uma doença até então despercebida no pré-operatório talvez pudesse inclusive ter estendido sua vida. Poderia ter sido a oportunidade para tratar de um defeito cardíaco desconhecido ou de problemas na coagulação do sangue antes que fosse tarde demais.



"O FATO É QUE HÁ UM LONGO CAMINHO PELA FRENTE PARA GARANTIR QUE AS PESSOAS ESTEJAM CIENTES DE QUAIS SÃO SEUS DIREITOS, QUAIS OS RISCOS QUE PODEM ENFRENTAR E COMO ESCOLHER CLÍNICAS E MÉDICOS QUALIFICADOS."

## DONDA E A LEI DOS MORTOS

por Larissa Costa Duarte

Mas não foi assim que a história se deu. Na Califórnia, a morte de Donda West gerou um debate social sobre a pré-triagem antes das cirurgias estéticas, mas a Lei Donda West, aprovada em 2010, é mais um consolo pobre e uma homenagem do que uma regulamentação real sobre as práticas cirúrgicas. Embora o regulamento "proíba os médicos de realizar cirurgia estética eletiva sem um exame físico e autorização de um profissional médico", ele também diz que "violiar a disposição não constitui um crime". Em outras palavras, um infrator seria julgado por uma junta médica, mas não enfrentaria acusações criminais.

Mas este artigo não se pretende como um alerta para desencorajar procedimentos cosméticos. Esta é uma reflexão pessoal sobre como as cirurgias plásticas são uma das muitas áreas da ciência e da medicina nas quais precisamos investir em educação em saúde e em regulamentação melhor e mais explícita. Não faço aqui um apelo para que as mulheres reconsiderem a realização de procedimentos estéticos, mas, sim, para que os legisladores, pesquisadores, médicos e cirurgiões se certifiquem de que as informações sejam comunicadas de forma honesta e clara aos pacientes. Os cirurgiões plásticos precisam ser responsabilizados por não examinar devidamente seus pacientes – ou por examiná-los e escolher ignorar os resultados, já que esses profissionais sabem melhor do que ninguém que as cirurgias plásticas são intervenções cirúrgicas com consequências bastante reais.

Nenhum procedimento médico jamais será completamente isento de riscos, é claro – seria tolice pensar o contrário. Mas o fato é que há um longo caminho pela frente para garantir que as pessoas estejam cientes de quais são seus direitos, quais os riscos que podem enfrentar e como escolher clínicas e médicos qualificados. Afinal, a dura verdade é que toda lei com o nome de alguém é uma lei com o nome de uma vítima de uma tragédia, e homem nenhum deveria ter o poder de decidir quanto cuidado é demais quando se trata da saúde de outra pessoa. Coletivamente, no entanto, nós temos o poder de reduzir essas tragédias. Temos o poder de homenagear pessoas queridas com mais canções e menos leis póstumas.

# CRÉDITOS

---

## FOTOS NESTA EDIÇÃO

### TEMPLATE DA REVISTA

Brochure vector created by freepik - [www.freepik.com](http://www.freepik.com)

<https://www.freepik.com/vectors/brochure>

### CAPA

© [Hin255] / Adobe Stock

## FOTOS NESTA EDIÇÃO

O Bumbum Brasileiro: Cirurgias Plásticas e Raça

© [Parilov] / Adobe Stock

"Gisele Bündchen - Abertura dos Jogos Olímpicos

Rio 2016" by Fernando Frazao is licensed under CC

BY 3.0 BR.

Rosto, Ciência e Bisturi

"Copyright-Only Dedication" (based on United States law) or Public Domain Certification

Donda e A Lei Dos Mortos

"Kanye West's 808s & Heartbreak @ The Hollywood Bowl - Night 1 (09/25/15)" by Justin Santos is

licensed under CC BY-SA 2.0.

© [YiuCheung] / Adobe Stock

---

## LEVEDURA - VERSÃO DIGITAL

LARISSA COSTA  
DUARTE /  
EDITORA-CHEFE

LUCAS BESEN /  
EDITOR ADJUNTO

FABIOLA ROHDEN /  
EDITORA  
CONSULTIVA

JULIA GARCIA /  
TRADUTORA

---